

Mala Direta Postal  
Básica  
9912342433/2014-DR/RS  
APROFURG  
CORREIOS



**TAMBÉM  
NESTA  
EDIÇÃO:**

## ENCONTRO

APROFURG – Seção  
Sindical do ANDES-SN  
recebeu Eblin Farage  
PÁGINA 3

## RENOVAÇÃO

Novo site da APROFURG já  
está no ar  
PÁGINA 5

## JURÍDICO

JFRS condena estudantes  
acusados de imputar falso  
crime a professor  
PÁGINA 8

# Nada é impossível de mudar

“Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.  
E examinaí, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar”.

Bertolt Brecht

Vivemos tempos difíceis, talvez o mais difícil da história da nossa recente democracia, da educação pública, das Universidades, da APROFURG e do ANDES-SN. Mas não é por isso que vamos nos resignar. As palavras de Brecht nos servem de alento sobre a possibilidade de mudança e que esta mudança deve partir de cada um e cada uma, de forma coletiva, nos percebendo como sujeitos da história e não objetos dela.

Seguimos firmes na resistência e buscando construir alternativas. Por isso mesmo a diretoria e os GTs da APROFURG, juntamente com sindicalizados e sindicalizadas e demais colaboradores e colaboradoras, temos certeza da importância da construção coletiva nesse momento, sempre com respeito e valorização das diferenças. Por isso reforçamos o convite para se juntarem a nós, pois só assim poderemos passar por esse mar revolto e termos, quem sabe, um momento mais positivo para todos e todas.

No mês de setembro realizamos importante atividade com participação da secretária-geral do ANDES-SN, na qual Eblin Farage fez uma excelente análise histórica das políticas públicas de educação, em especial do ensino superior e técnico e tecnológico, ficando evidente a gravidade da atual conjuntura, com os cortes no orçamentos das instituições públicas de ensino, com a perseguição



ideológica à comunidade acadêmica, e principalmente com o fim da Universidade Pública, gratuita, laica, de qualidade e socialmente referenciada a partir do projeto Future-se.

Ainda no mês de setembro ampliamos os serviços de nossa assessoria jurídica, que passa agora também a tratar de outras questões além das específicas da categoria docente, o que era antiga reivindicação de colegas professoras e professores.

Nos aproximamos do fim de um difícil 2019, mas não podemos “baixar a guarda” ou pensar que nossas férias são mais importantes que a própria existência da Universidade e Instituto Federal. Seguiremos mobilizados, contaremos com um evento nacional do ANDES-SN na APROFURG sobre a história do movimento docente e estamos nos preparando para mais uma Feira do Livro com participação da APROFURG, mais um Congresso do ANDES-SN e um fim de 2019 com muita energia para que a luta siga forte. Quando a situação parece difícil é que a luta se torna mais importante. Como diria Brecht, “nada deve parecer impossível de mudar”.

#### DIRETORIA BIÊNIO 2018/2020

PRESIDENTE: Professor Cristiano Ruiz Engelke - ICHI/FURG

VICE-PRESIDENTE: Professora Marcia Borges Umpierre - ICEAC/FURG

1º SECRETÁRIO: Professor Máio José Junges - EQA/FURG (Aposentado)

2º SECRETÁRIA: Professora Amanda Moita Angelo Castro - IE/FURG

1º TESOUREIRO: Professor Lucas Santos Cerqueira - ICEAC/FURG

2º TESOUREIRA: Professora Roberta A. Machado - IF

#### SUPLENTE

1º SUPLENTE: Cassiane de Freitas Paixão - ICHI/FURG

2º SUPLENTE: Professora Jaqueline Durigon - ICB/FURG

3º SUPLENTE: Professor Eduardo Dias Forneck - IO/FURG

4º SUPLENTE: Professor Gustavo Borba Miranda - IFRS

#### ASSESSORIA DE IMPRENSA

Jornalista: Diego Balinhas - MTB/RS 15.569

(impressaaprofurg@gmail.com)

REVISÃO DE TEXTO: Eliza Braga

REDAÇÃO: Av. Itália s/nº, sede da APROFURG  
Campus Carreiros FURG - Contato: (53) 3230 1939

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:  
Editora Casalettras - contato@casalettras.com

TIRAGEM: 1500 exemplares

Impresso em papel imune e conforme inciso VI  
Artigos assinados são de responsabilidade dos autores  
Distribuição gratuita



# APROFURG – SEÇÃO SINDICAL DO ANDES-SN RECEBEU EBLIN FARAGE

A APROFURG - Seção Sindical do ANDES-SN recebeu no dia 10 de setembro a secretária-geral do ANDES-SN, Eblin. O encontro teve como norte uma conversa sobre o **FUTURE-SE: A CONTRARREFORMA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR**.

### UM POUCO MAIS SOBRE A PALESTRANTE:

Eblin Joseph Farage é graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (1998), mestre pelo Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006) e doutora em

Serviço Social pelo Programa de Pós Graduação da UERJ (2012). Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde ministra aulas da área de Fundamentos do Trabalho Profissional. Pesquisadora na área de questão urbana, com ênfase na temática de favelas e espaços populares. Coordenadora do

Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Favelas e Espaços Populares - NEPFE. Tem experiência na área de Educação, Educação Popular, Formação, Favela, movimentos sociais e movimento sindical. Eblin é ex-presidente do ANDES-SN e atual secretária geral do Sindicato Nacional.



# PROFESSORES E PROFESSORAS DA FURG E DO IFRS IRÃO PARALISAR ATIVIDADES POR 48 HORAS

*Categoria decidiu por unanimidade adesão à greve nacional da educação que irá ocorrer nos próximos dias 2 e 3 de outubro*

**E**m assembleia geral realizada pela APROFURG - Seção Sindical do ANDES-SN, no dia 25 de setembro, os professores e as professoras da FURG e do IFRS - Campus Rio Grande decidiram, por unanimidade, aderir à Greve Nacional da Educação - 48h de LUTA, que irá ocorrer nos dias 2 e 3 de outubro. Entre as principais pautas de reivindicação estão os cortes de verba nas universidades públicas, Institutos Federais e CEFET, além do projeto "FUTURE-SE", que entre outras questões pretende colocar uma Organização Social (OS) para realizar a gestão das instituições de ensino.

A vice-presidente do sindicato, Marcia Umpierre reitera a importância da luta para enfrentar este momento delicado do nosso país. "É preciso dizer não aos cortes de verbas para a educação pública e para o projeto da contrarreforma da educação, denominado FUTURE-SE. Nós temos é que dizer sim para a defesa intransigente da educação e pública, gratuita, laica, de qualidade e socialmente referenciada", explicou.

Os trabalhadores e as trabalhadoras têm sofrido sucessivos ataques com a ampliação da retirada de direitos, em especial no que se refere à destruição da legislação trabalhista, além da redução do investimento na saúde, na educação e o aumento do desemprego e do emprego informal.

Já para o presidente da APROFURG, Cristiano Engelke a greve dos dias 2 e 3 de outubro é uma oportunidade para defender, mais do que nunca, a universidade pública. "Esses dois dias representam uma oportunidade para nos encontrarmos e defendermos as nossas lutas. A greve é uma escolha política e um posicionamento claro contra o atual governo que quer acabar com a universidade, com o dinheiro, com as bolsas, além de entregar toda a estrutura para a iniciativa privada e para o mercado", comentou Engelke.

## APTAFURG

O sindicato de técnicos e técnicas em Educação da FURG, a APTAFURG irá realizar uma assembleia geral, na próxima quarta-feira, dia 02 de outubro para aderir ou não à greve geral de 48h da educação. O encontro está marcado para acontecer a partir das 8h30min no auditório da APROFURG, localizado no campus carreiros da Universidade.

Para o coordenador geral da APTAFURG, Celso Carvalho a unidade é essencial para o processo de enfrentamento. "O ataque é geral e contra as instituições federais do ensino superior. Portanto é necessário que a gente se junte e se unifique em torno desta defesa, pois só a partir desta unificação é que a sociedade vai passar a entender a pauta e defender a educação pública e



gratuita", disse Carvalho.

## PROGRAMAÇÃO

A programação é intensa e extensa. Ontem, no último dia de setembro, as atividades já começaram. Na parte da manhã, uma tenda de mobilizações foi montada no Centro de Convivências (CC) do campus carreiros da FURG. Já à tarde, uma oficina de lambe e cartaz também foi ministrada no espaço. E, no turno da noite, ocorreu um aulão no auditório da Psicologia.

Já para o dia de hoje, 1º de outubro, está previsto mais um aulão sobre a conjuntura da educação pública, no prédio das Artes, às 13h30min. E no final da tarde, às 18h50min, a conjuntura vai ser a pauta de mais um encontro no Pavilhão 6, do campus carreiros.

O dia 02 de outubro conta com duas grandes atividades. Na parte da manhã, a partir das 10h, um aulão sobre democracia, fascismo e universidade vai ocorrer no CC. Já a partir das 16h, no Espaço APROFURG, os professores e professoras, estudantes, técnicos e técnicas, terceirizados e terceirizadas, além da comunidade da FURG e IFRS vão participar de uma Assembleia Ampliada. Entre as pautas, a situação financeira atual da FURG e do IFRS e uma análise de conjuntura.

Na quinta-feira, dia 03 de outubro, uma concentração será realizada a partir das 16h no Largo Dr. Pio. O ato em defesa da educação está previsto para começar às 18h.

## RESUMO DA PROGRAMAÇÃO

### 01/10 - TERÇA-FEIRA

13h30min - Aulão sobre a conjuntura da educação pública (Prédio das Artes)  
18h50min - Aulão sobre a conjuntura (Pavilhão 6)

### 02/10 - QUARTA-FEIRA

10h - Aulão Democracia, Fascismo e Universidade (Centro de Convivência)  
16h - Assembleia Ampliada (Espaço APROFURG)

### 03/10 - QUINTA-FEIRA

16h - Concentração (Largo Dr. Pio)  
18h - Ato em defesa da educação (Largo Dr. Pio)

# NOVO SITE DA APROFURG JÁ ESTÁ NO AR

Depois de quase um ano de projeto, durante assembleia geral da categoria docente, que ocorreu na manhã desta quarta-feira, dia 25 de setembro, foi oficialmente lançado o novo portal da APROFURG - Seção Sindical do ANDES-SN. Participaram do lançamento o responsável técnico do novo site, Newton Nyamasege, o jornalista do sindicato, Diego Balinhas e a estagiária de comunicação, Kaciele Henrique.

O novo portal é mais moderno, dinâmico e intuitivo, possibilitando a convergência de todas as mídias sociais da APROFURG, como o programa de rádio "Aprofurg em Pauta", o jornal Pó de Giz e a revista "3 Marias". Esta atualização também ganhou uma área que somente poderá ser acessada pelos sindicalizados e sindicalizadas. O novo espaço contém as atas de todas as assembleias, dos Grupos de Trabalho (GTs), além dos informes fiscais da APROFURG. Outra novidade é que a sindicalização dos professores e professoras ganhou mais agilidade, podendo ser realizada on-line, através do preenchimento de um formulário no próprio site.

Para o presidente da APROFURG, Cristiano Engelke a comunicação é algo fundamental. "Comunicação não é algo separado do funcionamento da APROFURG, não é separado da luta sindical, comunicação é parte do processo como um todo, então o site não é só uma ferramenta, ele muda a maneira como os sindicalizados e as sindicalizadas se aproximam ou não. Então a comunicação é algo fundamental, o acesso à informação é também uma das nossas prioridades", disse Engelke.

Já para a vice-presidente da APROFURG, Marcia Umpierre, o lançamento do novo portal é apenas o começo do processo, que segue em constante construção. "Finalmente o site está pronto e provavelmente irão



surgir algumas questões que vamos ir reorganizando, então mais do que nunca é importante que cada um e que cada uma visite o site e informe suas dúvidas, podendo mandar e-mail

para a secretaria, através do [secretaria.aprofurg@gmail.com](mailto:secretaria.aprofurg@gmail.com) ou para nossa imprensa, no endereço [imprensaaprofurg@gmail.com](mailto:imprensaaprofurg@gmail.com) com sugestões de melhoria", finalizou Marcia.

O novo site já está em funcionamento no mesmo link do nosso antigo portal, no endereço [www.aprofurg.org.br](http://www.aprofurg.org.br)



## FIQUE LIGADO

DE SEGUNDA A SEXTA O HORÁRIO DE ATENDIMENTO DA APROFURG SERÁ:

NOVO HORÁRIO

8 H ÀS 22 H

A PARTIR DE 01/10

# Que horas ela volta? e o Brasil da era Bolsonaro

Mauro Nicola Póvoas<sup>1</sup>

**A**ssisti a *Que horas ela volta?* (2015) quando do seu lançamento no cinema, e lembro que saí da sala de exibição muito satisfeito com o resultado final. Alguns anos depois, em 2018, revi o filme para discuti-lo em aula, no contexto da disciplina de Seminário de Cultura Brasileira, que ministro no curso de Letras/Português da FURG. A partir desse segundo contato, queria, aqui, tecer alguns comentários, em especial sobre a relação da obra com o panorama político brasileiro atual.

Uma primeira questão que me vem à tona é o fato de ele ser um “filme de mulheres” (mas não “para mulheres”). Sendo poucas as pessoas do gênero feminino que se destacam na direção no cinema mundial, *Que horas ela volta?* chama a atenção por ser dirigido, roteirizado e produzido por Anna Muylaert, sem falar no elenco, em que se destaca, em especial, Regina Casé, que está ótima. O roteiro é bem encadeado, as questões levantadas são desenvolvidas com destreza e delicadeza e, ao final, impossível não se emocionar com uma história que tinha elementos, se malconduzidos, para acabar em pieguice. Mas, pelo contrário, uma das grandes qualidades da película é o modo engenhoso como o filme envolve o espectador na trama, ao mesmo tempo sentimental e social, sem ser panfletária.

Resumindo em poucas palavras, o enredo trata da chegada a São Paulo de Jéssica (Camila Márdila), a “filha perdida” da empregada doméstica Val (Regina Casé), com quem ela não se comunicava há muitos anos, e que reaparece de surpresa; a reconciliação plena só será alcançada ao final, após muitos percalços e desentendimentos. Val, a princípio, parece não gostar muito dessa “aparência”, pois acomodada na sua vida de subalterna, não vê muito espaço para a menina, criada por parentes no Nordeste. O carinho e a atenção que não conseguiu dar à filha biológica, Val canalizou para o “filho de criação”, Fabinho (Michel Joelsas), que nunca recebeu o devido afeto dos pais verdadeiros. Val, sem uma maior consciência de classe, não nota que reproduz, na sua vida, a ama-de-leite, aquela que substituíu o sinhô e a sinhá no papel da criação dos filhos. Ao final, quando se liberta daquela vida ilusória, mesmo que numa casa mais simples, enxerga um futuro digno e livre, com os “seus” de verdade: a filha e o neto, que ainda não conhece. Isto é, livra-se, em pleno século XXI, da estrutura consagrada por Gilberto Freyre, da casa-grande e da senzala, aqui sinônimos de, respectivamente, mansão e quarto de empregada.

Esse resgate é a grande chave epifânica do filme, até porque *Que horas ela volta?* apresenta vários momentos em que vêm à tona os recalques dos filhos com as suas mães:

Jéssica/Val e Fabinho/Bárbara. O fato de Jéssica não chamar Val de mãe é o indício mais acentuado da relação interrompida das duas. Também a cena em que Fabinho prefere ser confortado por Val ao invés da própria mãe, quando sabe que não foi aprovado no vestibular, mostra muito da desarticulação do núcleo familiar dos ricos. Neste sentido, as frustrações de Val e Fabinho são superadas com a relação (quase edipiana, pode-se dizer) que ambos estabelecem, em que o fosso financeiro é compensado pelo carinho que nutrem entre si.

Jéssica é considerada uma cidadã de segunda classe, embora seja “descolada”: não é mais virgem, fuma maconha, sabe da importância do Edifício Copan, símbolo da arquitetura modernista paulistana, projetado por Oscar Niemeyer. Até por isso, parece mesmo de “nariz empinado” para a classe alta representada por Bárbara (Karine Teles), a patroa<sup>2</sup>. O fato de a menina querer ascender socialmente é o mote que faz a história girar. A sua chegada, como a do visitante interpretado por Terence Stamp, de *Teorema* (1968), de Pasolini, desestabiliza a ordem burguesa, fazendo despertar ódios e paixões na mansão localizada no bairro nobre do Morumbi. Desde a chegada da jovem, observa-se no filme um interessante jogo espacial, como se as personagens estivessem em uma guerra, com os territórios sendo conquistados ou perdidos após cruentas batalhas.

Desta maneira, Jéssica desloca-se espacialmente em três momentos na sua busca por uma vida melhor. A primeira conquista é não ficar no quartinho de empregada da mãe, mas conseguir dormir no quarto de hóspedes, pois ali poderia estudar em melhores condições.

A segunda é almoçar na mesa com o Dr. Carlos (o quadrista Lourenço Mutarelli, uma grata surpresa), com o direito de se deliciar com um gostoso sorvete, para o desespero de Val, que nunca tinha desfrutado de tanta intimidade com os donos da casa. Aliás, descobre-se depois que o patrão, artista que abandonou a pintura, é quem sustenta o luxo da casa, pois recebeu vultosa herança do pai, não sendo Bárbara o arrimo da família, como parece à primeira vista, já que é dona de um emprego de sucesso. Carlos é o passaporte de Jéssica não só à mesa da família, mas também é quem possibilita que ela visite o Copan e o prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP), assim como permite que a menina tenha acesso à arte, ao mostrar os quadros assinados por ele. No decorrer da trama, depois de conhecer a

<sup>2</sup> Um parêntese para abordar uma questão que me veio à mente partir de *Benzinho*, de Gustavo Pizzi. Neste filme, vencedor de vários prêmios no Festival de Gramado de 2018, Karine Teles é Irene, personagem envolvida em recorrentes problemas financeiros. Impossível não lembrar de Bárbara, pelo avesso, quando Irene vai levar o convite de formatura do Ensino Médio à sua ex-patroa, que a recebe com frieza. Por aquelas ironias do destino, Karine Teles interpreta competentemente os dois lados da moeda: o estrato dos ricos, no filme de 2015, e a classe baixa, em termos socioeconômicos, na película de 2018. Neste sentido, a cena de *Benzinho* aludida, pequena mas expressiva, parece estar ali inserida para dialogar exatamente com o papel que a atriz desempenhou no filme de três anos atrás.

<sup>1</sup> Professor de Literatura do Instituto de Letras e Artes (ILA) da FURG.

menina, o antes anestesiado Carlos sente-se vivo de novo, sem saber se aquele encantamento por ela trata-se de afeto, amizade, amor ou paixão – um risível e patético pedido de casamento a Jéssica serve para confundir ainda mais os sentimentos já nublados que ele nutre.

O terceiro avanço espacial de Jéssica é tomar banho na piscina, a partir da intervenção dos jovens (Fabinho e seu amigo Caveira), aqueles que, ainda não cristalizados em suas posições, mais facilmente quebram os paradigmas impostos pelos adultos. É a gota d'água para Bárbara, que manda limpar a piscina, já que, segundo ela, foram vistos ratos ali, na metáfora nada sutil para obstruir o avanço de Jéssica sobre a propriedade privada, um dos bastiões das classes média e alta. A partir daí, a contraofensiva de Bárbara será cruel, primeiro com a retirada da menina do quarto de hóspedes, depois com a proibição de que ela circule nas peças da casa que se localizem além da cozinha.

Ao final, há um resultado de caráter mais definitivo, por parte de Jéssica: a aprovação no processo seletivo para cursar Arquitetura, na conceituada FAU. Improvável, tendo em conta a origem humilde, o desempenho positivo ganha ares de acinte quando se sabe, concomitantemente, que Fabinho, no mesmo concurso, não passou. Isso leva Bárbara à incredulidade e Val a finalmente quebrar as regras a ela impostas, entrando (finalmente!) na piscina, agora semivazia, simbolizando o esgotamento da configuração das pessoas que habitavam a mansão, pois o filho buscará no estrangeiro um jeito de esquecer o fracasso no vestibular, enquanto a empregada está prestes a pedir as contas, o que se concretiza logo a seguir. Outro signo que aponta para o desmoronamento daquele núcleo familiar (patrões e empregada) é quando Val quebra a bandeja que estava na família de Bárbara há várias gerações.

Os ataques e contra-ataques entre os núcleos “rico” e “pobre”, para ver quem ganha e quem perde os territórios disponíveis, caracterizam a vitalidade do conceito marxista de luta de classes, que ao contrário da afirmação de algumas vozes, continua firme e forte. O capitalismo, para sobreviver, precisa desse abismo socioeconômico entre as pessoas, pois a vitalidade do sistema necessita da exploração do mais pobre pelo mais rico. O estabelecimento da luta de classes, no Morumbi, molda a película, no momento em que o borramento da linha divisória entre a elite e os pobres desagrada à primeira, que fica incomodada de perder os seus privilégios e o seu poder. Uma cena trabalha de forma contundente esse rompimento de limites e a respectiva inversão de papéis: aquela em que Bárbara, na ausência de Val na cozinha, faz um suco para Jéssica.

Não à toa, ver *Que horas ela volta?*, depois de Jair Bolsonaro ter sido escolhido presidente do Brasil, dá ao filme uma característica interessante, a do entrelaçamento de realidade e ficção, ou de como a realidade complementa a ficção. A eleição de Bolsonaro dá uma dimensão ao filme que me escapara na primeira vez em que o vi, até porque a hipotética vitória do capitão, naquele momento, era vista tão somente como uma piada de mau-gosto. Atualmente, a situação política do Brasil é a continuação de algo esboçado no filme: a vingança dos poderosos contra a audácia daqueles que roubaram as vagas da FAU dos “filhinhos de papai”. Visto sob essa perspectiva, o filme ganha ainda mais densidade,

pois a revolta e o desrespeito de Bárbara em relação aos pobres, aos nordestinos e aos que vêm de baixo, emulam exatamente esses sentimentos, nutridos por Bolsonaro e seus parceiros. Duas cenas mostram com clareza este desprezo: a reação da patroa às xícaras de café que ganha de presente de aniversário de Val e o desagrado de Bárbara com o perfume usado pela empregada, quando essa sai para um fim de semana fora da mansão.

Lembro aqui da pergunta expressa por Gayatri Chakravorty Spivak no título de seu famoso livro: *Pode o subalterno falar?*<sup>3</sup> Em geral, observa-se que as representações ficcionais dos oprimidos ainda são feitas pelos oriundos das classes confortáveis. Assim, cabe a pergunta: haverá um tempo em que uma Val ou uma Jéssica contará a sua própria história, com os efeitos estéticos semelhantes aos aqui apresentados? Spivak aponta que “a mulher subalterna continuará tão muda como sempre esteve” (p. 112), para ao final sentenciar: “O subalterno não pode falar” (p. 165). Sair da subalternidade é a vereda que abre a possibilidade da apropriação da fala, momento que chegará quando mais Jéssicas se formarem nas universidades públicas graças a cotas, financiamentos e fundos especiais. Cortar este caminho esconde o desejo de deixar o excluído, social e economicamente, sempre e eternamente à margem e calado.

Essa fratura na espinha dorsal da sociedade brasileira, em que pobres, negros, indígenas, gays, mulheres e nordestinos começaram a ter voz e vez, faz com que o filme possa ser visto como a síntese mais perfeita da Era Lula/Dilma no poder (2003-2016). Embora redutora, a associação não é errônea. Mas mais do que conformar o passado, o filme, que considero um dos melhores produtos da cinematografia brasileira na década de 2010, antecipa visionariamente o que foi se desenhando nos últimos anos e que se concretizou na vigência da desastrosa era bolsonarista, em que os conservadores passaram da estupefação e da aceitação, pela invasão dos espaços que lhe pareciam cativos, por herança ou por graça divina, para a raiva e a violência. Bárbara com certeza votou em Bolsonaro nos dois turnos, e hoje vê (será que já desesperançada?) os trágicos desdobramentos de um governo que pauta suas ações em torno do obscurantismo, do elogio das armas, da liberação dos agrotóxicos, do desmatamento, do sufocamento dos direitos da minoria, da pobreza intelectual, do antiacademismo, do anti-indigenismo, da mentira e da pirotecnia cibernética. A intenção, clara, é que as coisas voltem àquele patamar considerado normal pela elite que mandou e manda no país: empregados nos seus quatinhos minúsculos e sem ventilação, vendo apenas uma nesga de céu, comendo na mesa da cozinha e estudando no máximo até o Ensino Médio, para que não ocupem os postos destinados aos filhos da burguesia. Assim, a ficção complementa-se na dura constatação de que, agora, na vida real, com a eleição de Jair Bolsonaro e o seu mandato efetivamente começado, os pobres ocuparão outra vez, na visão retrógrada, o seu “devido lugar”, perdendo direitos e vendo as oportunidades escassearem.

Diante de todo esse quadro, todo dia, desde 1º de janeiro de 2019, me faço uma pergunta: que horas *ele* sai?

3 SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012.

# JFRS condena estudantes acusados de imputar falso crime a professor

LINDENMEYER  
ADVOCACIA & ASSOCIADOS

Notícia publicada em 19/08/2019 no site da Justiça Federal do Rio Grande do Sul ([www.jfrs.jus.br](http://www.jfrs.jus.br)) informa que a 11ª Vara Federal de Porto Alegre condenou uma estudante e um estudante acusados de realizarem denúncia caluniosa de crime de preconceito racial contra um professor. A aluna também teria falsificado três documentos para reforçar sua queixa.

A alegação é de que a aluna era beneficiária de programa de intercâmbio estudantil da Universidade Federal do RS (UFRGS) com instituição congênere em seu país de origem, Guiné-Bissau. Nesta condição, ela tinha obrigação de ser aprovada para manter sua matrícula, mas foi surpreendida 'colando' em uma prova pelo professor e reprovada na matéria.

De acordo com o MPF, os dois indiciados fizeram diversos contatos com o docente para pedir explicações e 'exigir' que fosse atribuído a aluna conceito 'B' ou 'C', o que foi negado. Eles apresentaram então uma reclamação na UFRGS contra o professor imputando falsamente o crime de preconceito racial e dando causa à instauração de sindicância.

Segunda a denúncia, a estudante fez a mesma reclamação na Defensoria Pública da União, o que iniciou um inquérito policial. Para sustentar sua versão, ela utilizou três declarações falsas com assinaturas de outros alunos perante a

comissão de sindicância da UFRGS, valendo do outro indiciado para entregar os documentos.

Em sua defesa, a aluna sustentou que acreditava estar sendo vítima de preconceito racial, por isso deve ser absolvida das acusações de denúncia caluniosa. Em relação à falsificação de documentos, mencionou que deve ser reconhecida a atenuante de confissão.

Já o estudante alegou que não teve intenção de ofender honra alheia, pois sempre acreditou que havia algum tipo de discriminação por parte do professor em relação à estudante. Argumentou que agiu sempre com boas intenções, tentando proteger alguém que acreditava ser vítima de discriminação.

Ao analisar as provas juntadas aos autos, o juiz federal substituto Ricardo Humberto Silva Borne destacou que tanto o dolo genérico, consistente na vontade livre e consciente de dar causa à instauração de investigação policial ou administrativa, quanto o específico, constituído na ciência de que o professor era inocente, são evidentes. Segundo ele, os réus disseram que "a discriminação racial fora concluída por eles, pois o professor jamais tivera atitude semelhante com qualquer aluno; ao reverso, seu histórico pessoal sempre fora a de um estudioso do continente africano e com vínculos de amizade com as sociedades lá existentes".

Para Borne, ficou demonstrada nos autos a autoria e materialidade dos fatos narrados pelo autor. O magistrado afirmou que a ré "agiu de forma sobremaneira reprovável, principalmente porque a vítima, no exercício de sua profissão, de há muito estava em contato com países africanos e os estudava com dedicação e seriedade".

"Por fim: a vida em sociedade não pode ser insequente. Não vivemos isolados em uma ilha onde pudéssemos fazer ou dizer o que bem quiséssemos, sem consequências para terceiros. Ou lançamos boas sementes e colhemos os bons frutos daí decorrentes ou plantamos más sementes e colhemos os espinhos delas nascidos. Os réus optaram por plantar más sementes do tipo previsto sob o art. 339 do Código Penal. Haverão de colher os espinhos de suas semeaduras sob a forma das penalidades lá previstas porque assim o exige a vida em sociedade", concluiu.

O magistrado julgou parcialmente procedente a ação condenando o estudante à pena de prisão de quatro anos, sendo substituída por prestação de serviços à comunidade ou entidades públicas e prestação pecuniária. Já a estudante recebeu pena de prisão de sete anos e dez meses em regime inicialmente semiaberto. Cabe recurso ao Tribunal Regional Federal da 4ª Região.



INÉDITOS  
Sábados às 11h

REPRISES  
Segundas às 21h

FURG FM - 106,7  
online - [www.furgfm.furg.br](http://www.furgfm.furg.br)

Spotify®

<http://bit.ly/APROFURG>